



## A atualidade da Filosofia Yinyang: Seus fundamentos e sua influência contemporânea

### The relevance of the Yinyang philosophy: Its foundations and its contemporary influence

Francisco José da Silva<sup>1</sup>  
franz.silva@ufca.edu.br

**Resumo** A Escola filosófica Yinyang (*Yinyang Jia*), provavelmente sistematizada por Zou Yan (séc. IV-III a.C.), é considerada uma das principais e de maior alcance dentre as diversas correntes de pensamento na China, estando na base das demais formas de saber, tais como a alquimia, a medicina e as artes marciais. Atualmente, o pensamento chinês se vê diante do debate entre modernidade e tradição. Neste sentido, buscando os fundamentos dessa tradição pretendemos apresentar em linhas gerais a centralidade da filosofia Yinyang como uma das formas mais profundas de compreensão da dinâmica da realidade na Filosofia Chinesa e, desta forma, destacaremos suas características, em especial os modos de compreensão do núcleo deste pensar, tais como: contradição, interdependência, oposição, inclusão mútua, ressonância, complementaridade e mudança. Enfatizaremos sua atualidade a partir de abordagens epistemológicas contemporâneas

**Palavras-chave:** Filosofia Chinesa; Yinyang; Tradição; Modernidade

**Abstract** The Yinyang Philosophical School (*Yinyang Jia*), probably systematized by Zou Yan (4th – 3rd centuries BC), is considered one of the main and most far-reaching among the various schools of thought in China, being the basis of other forms of knowledge, such as alchemy, medicine and martial arts. Currently, Chinese thought finds itself faced with the debate between modernity and tradition. In this sense, by seeking the foundations of this tradition, we intend to present in general terms the centrality of Yinyang philosophy as one of the most profound forms of understanding the dynamics of reality in Chinese Philosophy and, in this way, we will highlight its characteristics, especially the ways of understanding the core of this thinking, such as: contradiction, interdependence, opposition, mutual inclusion, resonance, complementarity and change. We will emphasize its relevance from some contemporary epistemological approaches.

**Keywords:** Chinese Philosophy; Yinyang; Tradition; Modernity

---

1 Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto do curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA) em Juazeiro do Norte-CE. Membro da ALAFI e do GT Filosofia Oriental da Anpof.

## Introdução

Quando falamos em China logo vem à mente uma série de conceitos que se tornaram clássicos na abordagem desse país continental de cultura milenar. Tais conceitos foram elaborados, estereotipados e vulgarizados pela visão orientalista (Said, 2007), resultado do processo colonialista europeu no século XIX (Panikkar, 1977), em especial por países como Inglaterra, França e Alemanha. Essa visão estereotipada dos povos asiáticos e suas culturas continuará se expandindo até o final do século XX<sup>2</sup>, formando uma visão simplista e preconceituosa das filosofias orientais e sua relação com diversas manifestações como as ciências e a cultura em geral. Essas visões moldadas pelo interesse colonial do ‘Ocidente’ levariam a uma suposta compreensão da essência destas culturas.

Entre os conceitos filosóficos mais conhecidos de origem chinesa, destacamos aqueles que se tornaram conhecidos no mundo ocidental, são eles: Dao, Céu, Terra, e o par Yinyang. O Yinyang é conhecido como um par de opostos que se relacionam ou complementam, conhecidos geralmente através de sua estreita relação com o Daoísmo. A presença central do Yinyang na filosofia chinesa é inegável e abarca diversas áreas e atividades, desde a tecnologia, a medicina às artes marciais.

Em nosso artigo pretendemos assinalar a centralidade da filosofia Yinyang para o pensamento chinês, entendido como uma das formas mais profundas de compreensão da dinâmica da realidade, servindo de base filosófica para a maioria, senão todas as demais formas de pensamento desta cultura. Assim, apresentamos de forma breve os fundamentos da filosofia Yinyang, suas principais características, destacando sua atualidade e influência em algumas áreas do conhecimento na contemporaneidade.

## A Filosofia: do Ocidente ao Oriente

Os filósofos ocidentais têm grande dificuldade em lidar com conceitos e filosofias não-europeias (como a Chinesa, Indiana, Africana), na maioria das vezes relegando-as a condição de doutrinas de sabedoria ou mesmo como meras religiões, questionando assim sua legitimidade em comparação com a filosofia “por excelência”, considerada no caso a Ocidental. Essa visão eurocêntrica da Filosofia e sua história é um dos resquícios mais arraigados da mentalidade colonialista do século XIX e permanece como um tabu nos meios acadêmicos. Recentemente essa visão eurocêntrica e colonialista vem sendo continuamente questionada numa perspectiva mundial pelas abordagens pós-colonial e decolonial.

No que diz respeito à sua legitimidade e reconhecimento no debate filosófico mais amplo, a filosofia chinesa tem sido menosprezada e desqualificada por alguns setores da academia no Ocidente, por ser considerada por alguns pensadores como

---

2 O movimento da Nova Era (New Age) que se desenvolve entre os anos 60 e 80 do século XX, agregará uma gama de estereótipos, sobre os elementos provenientes das culturas orientais, tais como o Budismo e o Taoísmo, além das práticas como Yoga e Tai Chi, das terapias como Acupuntura, Ayurveda, etc.

uma forma de ‘religião’ ou de sabedoria que se distingue do pensamento racional, acadêmico e analítico do mundo ocidental. Esse estereótipo e preconceito histórico difundido nos meios acadêmicos tem seus fundamentos histórico-filosóficos na concepção de História e do desenvolvimento da filosofia do filósofo alemão G.W.F. Hegel (1770-1831), que considerava o pensamento europeu, originado na Grécia e desenvolvido durante o período medieval e moderno, alcançaria seu ápice com os alemães, como a forma mais acabada e concreta do desenvolvimento do Espírito humano e, conseqüentemente, do pensar filosófico em geral (Hegel, 1997).

No século XX, merece atenção a obra do sinólogo inglês Joseph Needham (1900-1995), o qual elaborou uma pesquisa de envergadura que traça um panorama da ciência chinesa e sua importância para a civilização, na obra denominada *Ciência e Civilização na China*<sup>3</sup> (1954), reconhecendo os grandes avanços chineses, em especial as tecnologias, embora ainda mantenha em alguns aspectos a ideia de superioridade do pensamento europeu ao comparar a ciência chinesa e a europeia. Ele percebe uma distinção entre as influências sofridas de ambas as partes, por um lado, os chineses em sua visão prática legaram ao mundo ocidental diversas técnicas sem as quais seria impensável a própria modernidade europeia, por outro lado, os europeus embora não tenham sido diretamente influenciados pela ciência chinesa contribuíram com o desenvolvimento e difusão a matemática e física na China (Antunes, 2020, p. 235).

Nos últimos decênios do século XX, percebemos uma mudança de perspectiva a partir das críticas ao eurocentrismo feitas pelo pensamento pós-colonial (Edward Said, Franz Fanon) e decolonial (Walter Dignolo, Anibal Quijano, E. Dussel), além de uma nova abordagem ou paradigma que pensa a Filosofia a partir de sua diversidade e pluralidade cultural, o que denominamos hoje Filosofia Intercultural<sup>4</sup> (R.F. Betancourt), cuja leitura crítica da história colonialista resgata os saberes que ficaram à margem da grande tradição ocidental.

Neste sentido, diversos pensadores, têm se dedicado a desfazer esse equívoco de um pensamento monocultural e autorreferente, embora ainda haja uma confusão com respeito ao estatuto, as especificidades e características daquilo que o Ocidente atribui ao que chama ‘Filosofia’. Assim, para nos aproximarmos de uma adequada apreensão da filosofia Yinyang, procuraremos entender melhor suas origens, seu contexto e o relação com as escolas de pensamento filosófico na tradição chinesa.

### **A Filosofia Yinyang: suas origens, características e influência**

A Filosofia Chinesa tem uma tradição de mais de dois milênios e remonta ao período que se inicia na Dinastia dos Zhou (séc. XI - II antes da era comum) e se

3 Needham, J. *Science and Civilization in China*, sua obra mais famosa, dividida em 15 volumes, iniciada em 1954.

4 A Filosofia intercultural se consolida por volta da década de 90 do século XX com os Congressos Mundiais de Filosofia, nos quais despontam as reflexões de Ramon Panikkar, Raul Fornet-Betancourt, Franz Wimmer, Ram Mall, entre outros.

estende até a Dinastia Han (séc. II a.e.c. – séc. II), incluindo as diversas escolas de pensamento que foram se desenvolvendo durante esse período<sup>5</sup>. Seu desenvolvimento se dá paralelamente ao surgimento das escolas filosóficas na Grécia, embora sem nenhum contato direto. Assim, pensadores como Lao Zi, Confúcio e Zhuang Zi foram contemporâneos de Sócrates, Platão e Aristóteles, mas até onde sabemos nunca tiveram acesso as suas obras e suas teorias.

No contexto da Filosofia Chinesa clássica, destacamos a Escola Yinyang (*Yinyang Jia*), cuja origem se dá ainda no período da dinastia Zhou e, segundo a tradição, surgiria a partir de um entendimento cosmológico dos emblemas divinatórios criados por Fuxi (há pelo menos 2 mil anos antes da era comum), os quais seriam a base dos trigramas e hexagramas do *Livro das Mudanças (Yi Jing)*, inicialmente entendido como um oráculo ou livro divinatório, mas que com o passar do tempo compreenderia os parâmetros de todas as transformações da realidade, sendo assim, como afirma Anne Cheng, uma forma de “racionalismo divinatório” (Cheng, 2008, p. 50).

A Escola Yinyang foi, provavelmente, sistematizada por Zou Yan (séc. IV-III a.e.c.), sendo considerada uma das principais escolas filosóficas e de maior alcance dentre as diversas correntes de pensamento chinês, ao unir os conceitos de Yinyang a cosmologia das Cinco Fases ou Elementos (Água, Terra, Madeira, Metal e Fogo)<sup>6</sup>, estando também nos fundamentos de outras formas de saber da China, tais como a Alquimia<sup>7</sup>, a Medicina<sup>8</sup> e as Artes marciais<sup>9</sup>.

Para ampliar nosso entendimento das especificidades, desta forma de pensar chamamos atenção para a abordagem feita pela Profa Robin Wang<sup>10</sup> no livro *Yinyang. O caminho do céu e da terra no pensamento e na cultura chinesa* (2024, p. 23-27), para quem o pensar Yinyang pode ser melhor entendido a partir de seis

5 As Escolas mais conhecidas de Filosofia Chinesa clássica são: a) a Escola do Dao (*Daojia*), b) a Escola Yinyang (*Yinyangjia*), c) a Escola de Confúcio (*Rujia*), d) a Escola das leis (*Fajia*), e) a Escola dos Nomes (*Mingjia*), f) a Escola de Mozi (*Mojia*), e, posteriormente, g) as Escolas do Budismo chinês (*Chan, Tiantai*). Nos séculos seguintes vemos diversas releituras das escolas tradicionais, como o neoconfucianismo, neotaoísmo, além da chegada do pensamento filosófico ocidental no final da Dinastia Ming (séc. XV-XIX), em especial o marxismo, cuja influência terá como resultado o surgimento de uma filosofia comunista chinesa, o Maoísmo.

6 Os Cinco Elementos (*Wu Xing*) são Água, Fogo, Terra, Madeira e Metal, os quais não podem se confundir com os elementos naturais de forma literal, e tem correspondência com os as regiões, órgãos e cores.

7 Ao contrário da Alquimia ocidental que buscava a transformação do metal comum em ouro, através da Pedra filosofal, a Alquimia chinesa busca do elixir da longa vida e da imortalidade. Entre as principais referências ver Robinet, Isabelle. *Yin and Yang in Internal Alchemy. The World Upside Down*.

8 Sobre a base Yinyang da Medicina Chinesa conferir em especial o *NEI JING - O Livro de ouro da Medicina Chinesa* e Beau, Georges. *A Medicina Chinesa*. RJ, Interciência, 1982.

9 Em relação a influência da filosofia Yinyang nas artes marciais ver Despeux, Catherine. *Tai-Chi Chuan. Arte marcial, técnica da longa via*. SP, Círculo do livro, 1986.

10 Robin R. Wang é professora de Filosofia e diretora do *Asian Pacific Studies* na Loyola Marymount University (Los Angeles, EUA).

formas que aprofundam o conhecimento e a compreensão de suas características, são elas: *Maodun* (contradição e oposição), *Xiangyi* (interdependência), *Huban* (inclusão mútua), *Jiaogun* (interação ou ressonância), *Hubu* (complementaridade) e *Zhuanghua* (transformação).

Vejamus cada uma dessas formas especificamente:

*Maodun* (contradição e oposição) – A primeira forma de compreensão da filosofia Yinyang se dá com os conceitos de contradição e oposição, no primeiro caso representando a diferença qualitativa e a distinção entre conceitos, enquanto no segundo caso diz respeito à sua relação de oposição.

*Xiangyi* (interdependência) – Tais princípios não apenas se distinguem e se opõem, mas tem um laço de dependência mútua, a interdependência garante que um aspecto não seja autossuficiente e independente do outro.

*Huban* (inclusão mútua) – A dependência entre yin e yang leva à outra ideia que envolve a presença de um no outro, chamada de inclusão mútua, ou seja, yin está de alguma forma incluída em yang e vice-versa, como vemos na simbologia tradicional do Taiji onde cada metade inclui seu oposto.

*Jiaogun* (interação ou ressonância) – A interação ou o interagir se dá pelo efeito que cada um dos elementos causa no outro e que se manifesta nas ressonâncias presentes entre eles.

*Hubu* (complementaridade ou suporte mútuo) – um dos aspectos mais importantes dos conceitos do Yinyang é a complementaridade, o que reforça a ideia de que estes “opostos” não são fixos e separados, mas se complementam e são o suporte um do outro.

*Zhuanghua* (mudança e transformação) – Por fim, o modo próprio em que se dão estas relações é de contínua mudança e transformação, o que revela sua não estaticidade, mas a dinâmica própria do Yinyang.

No mundo ocidental tem sido comum o uso do Yinyang para caracterizar certos tipos de relação entre coisas e situações, de maneira que se tem vulgarizado e tornado superficial a ideia de contraste e correlação. Em geral, se utilizam desse conceito grafado de formas distintas, como Yin e Yang ou Yin-Yang. Estas formas podem gerar confusões e incompreensões ao tentar simplificar um conceito profundo, cuja complexidade não se reduz a uma mera dualidade ou oposição externa (Wang, 2024, p. 21)<sup>11</sup>.

Em alguns casos, há uma tentativa de aproximação dos conceitos do Yinyang com as filosofias do Ocidente, como por exemplo, quando se tenta fazer equivalência entre esses princípios e aqueles da dialética do filósofo grego Heráclito de Éfeso (séc.VI a.e.c.), embora haja pontos em comum, em outros

11 Por essa razão, seguindo a formulação da Profª Robin Wang, usamos a forma Yinyang para identificar esse tipo de filosofia chinesa.

casos, vemos uma rejeição desta filosofia se partirmos da perspectiva da lógica formal de Aristóteles (séc. IV a.e.c.) que assume as ideias de identidade e não-contradição como seus princípios. Assim, nesta abordagem o uso de conceitos contraditórios poderia sugerir uma espécie de “maniqueísmo”, como uma mera “dialética de opostos” caracterizada pelo dualismo, conseqüentemente algo formal, abstrato e superficial, perfazendo assim a ideia de que Yinyang seriam entidades, coisas ou mesmo realidades fixas (Wang, 2024).

Embora o pensamento chinês só tenha chegado ao conhecimento dos europeus de forma mais ampla no século XVIII, através dos contatos feitos pelos portugueses e das missões jesuítas, podemos encontrar sua influência após ter sido assimilado por filósofos do calibre de Leibniz e Hegel (Neto, 2012). Em Leibniz (1646-1717) encontramos um profundo interesse pela cultura e filosofia dos chineses, como podemos constatar em suas cartas (endereçadas aos Padres Bouvet e Grimaldi), no *Discurso sobre a teologia natural dos chineses* (1722) e outros escritos (como a *Novíssima Sínica*), onde encontramos certas similaridades entre o sistema do *Yi Jing* e a formulação leibniziana do cálculo binário (Neto, 2016, pp.16-17).

Hegel (1770-1831), por sua vez, em suas *Lições sobre Filosofia da História*, aborda a Filosofia Oriental, destacando na Filosofia Chinesa as escolas do *Yi Jing*, do Daoísmo e do Confucionismo. No que diz respeito à filosofia Yinyang e ao *Yi Jing*, o filósofo de Stuttgart faz uma aproximação com aspectos do pensamento grego, a partir das ideias de unidade-dualidade e relação entre opostos presentes no Pitagorismo, que poderiam servir de analogia, como ele afirma:

Entretanto, os chineses também possuem uma filosofia, cujos princípios fundamentais são muito antigos, como o livro dos destinos, o *Y-King*, que trata das origens e da destruição. Nesse livro, encontram-se ideias profundamente abstratas da unidade e da dualidade, e com isso a filosofia dos chineses parece partir dos mesmos pensamentos básicos da doutrina pitagórica (Hegel, 2008, p. 119)

Nesta aproximação também se busca fazer analogias entre tal forma de pensamento como contraste, consolidando uma definição da própria identidade da nossa tradição, que se autoafirma em relação a esse outro pensar, o oriental, desta forma, os chineses se caracterizariam pelo pensar das mudanças, imanente e intuitivo, e os ocidentais pelo pensar dualista, analítico e transcendente (Wang, 2024).

Ao contrário da visão simplista que reduz essa filosofia a uma forma dualista e de opostos fixos, o paradigma filosófico chinês do Yinyang pode ser pensado como fundamento de estruturas dinâmicas e funções em contextos particulares e relativos. De tal forma que, a depender da situação e do contexto, algo que se configura numa dada situação como yang, em outra se torna yin e vice-versa, tanto em conjunto como alternadamente, por exemplo, o braço direito é yang e o esquerdo yin, mas se ambos estiveram quentes, serão yang, se frios yin, se levantados yang, se abaixados yin.

Assim, fica claro que esse “par dialético” não é fixo e nem dualista em sentido absoluto, ou seja, mais do que meramente correlativo (Graham, 1986) e descontínuo, seria melhor compreendê-lo como contínuo e relativo, como prefere Yuk Hui.

O pensamento chinês tende a se preocupar mais com a continuidade e menos com a descontinuidade. Essa continuidade é construída por relações, como encontradas, por exemplo, em ressonâncias entre o Céu e o humano, instrumentos musicais, ou a lua e as flores. Como mencionado acima, isso é frequentemente chamado de “pensamento correlativo”. No entanto, esse discurso é desenvolvido por Granet e mais tarde por A.C. Graham, que fazem uso da antropologia estruturalista para formular as duas entidades correspondentes como oposições, por exemplo Yin-Yang. Prefiro chamá-lo de pensamento “relacional” em vez de “correlativo”, porque o pensamento correlativo descrito pelos sinólogos acima mencionados inspirados pela antropologia estruturalista é sempre mobilizado em uma tentativa de sistematizar, a fim de finalmente apresentar estruturas estáticas (Hui, 2016, p. 55).<sup>12</sup>

Esses são os principais aspectos da concepção Yinyang que gostaríamos de enfatizar, apontando assim para o que pode ser considerado o núcleo desta filosofia, que, como veremos, perpassa o instrumental teórico ainda usado hoje na cultura e no pensamento chinês e que tem ressonâncias no pensamento ocidental, como veremos a seguir.

### **Influência do pensar Yinyang na atualidade**

Diante deste panorama da filosofia Yinyang em suas origens ancestrais, podemos nos questionar: qual o alcance e a efetividade desta filosofia contemporaneamente? Poderia ela responder aos nossos problemas científicos e filosóficos para além de sua circunscrição à cultura chinesa? Em resposta a estas questões podemos dizer que, a despeito de sua antiguidade e vinculação ao mundo asiático, a filosofia Yinyang está presente na atualidade através das diversas abordagens que, mesmo no ocidente, se colocadas em perspectiva podem apontar para a capacidade desta teoria filosófica chinesa responder a problemas dos mais diversos matizes.

Para dimensionar a atualidade da filosofia Yinyang no mundo contemporâneo, partiremos de quatro abordagens panorâmicas que vão além da mera replicação daquilo que já sabemos sobre o uso desta filosofia nos saberes tradicionais chineses, mas que procuram fazer uma releitura dos princípios do Yinyang em contextos

12 “Chinese thinking tends to be concerned more with continuity and less with discontinuity. This continuity is constructed by relations, as found, for example, in resonances between the Heaven and the human, musical instruments, or the moon and flowers. As mentioned above, this is often referred to as ‘correlative thinking’. However, this discourse is developed by Granet and later by A.C. Graham, who make use of structuralist anthropology to formulate the two corresponding entities as oppositions, for example Yin-Yang. I prefer to call it a ‘relational’ rather than ‘correlative’ thinking, because the correlative thinking described by the above mentioned sinologists inspired by structuralist anthropology is always mobilised in an attempt to systematise, in order finally to present static structures”

distintos, como são os casos da Física, do Marxismo, da Epistemologia e da Tecnologia.

Primeiramente, é preciso colocar em suspeita a afirmação repetida sobre um suposto avanço singular da ciência e filosofia ocidentais, como indicação de vantagem em relação ao que é feito no continente asiático. Essa afirmação se funda na ideia de um suposto “atraso” ou “estagnação” da ciência chinesa, cujos pontos de divergência teriam se dado pela ausência do uso da matemática como base para as teorias empíricas da ciência física, como realizado no mundo europeu moderno.

No caso da Física, em oposição a essa visão, podemos dizer que a filosofia chinesa do Yinyang se constitui a partir de uma cosmologia ondulatória, e por essa razão seria muito mais apta a dialogar com as questões da física atual.

Se a ciência chinesa não demonstra ter sofrido maiores influências de europeus e hindus nos campos da medicina e da cartografia é curioso notar o que se sucedeu no universo da matemática e da física, pois, novamente de acordo com nosso autor, se o ocidente era geométrico, os chineses optavam pela álgebra, se os ocidentais (e aqui se juntam a eles os indianos) eram partidários de especulações atômicas, os chineses, refutando o atomismo, podem ser creditados como os primeiros a conceberem a teoria ondulatória. Esse último fato se dá em razão da concepção chinesa acerca da realidade do mundo, pois o movimento em onda não é nada mais do que uma derivação do comportamento do *yinyang*, ou seja, um movimento de alternância entre alto e baixo, implicando a ideia de impermanência (Antunes, 2020, p. 235).

Um exemplo dessa proximidade entre Física contemporânea e a filosofia Yinyang pode ser encontrado na reflexão do físico dinamarquês Niels Bohr (1885-1962) e sua elaboração dos princípios de complementaridade e correspondência (Velloso, 2022). É necessário lembrar que o diálogo entre Niels Bohr e a filosofia chinesa foi decisivo nesta formulação que se deu após sua visita ao Japão e a China (1937) e no uso da simbologia Yinyang em seu brasão de família (1947), cujo lema trazia a afirmação latina “*contraria sunt complementa*” (os contrários são complementares) (Yang, 2024).

Superando esse preconceito de base, podemos elencar outros aspectos nos quais a filosofia Yinyang se mostra extremamente atual e capaz de dar respostas efetivas para problemas que atormentam boa parte das concepções filosóficas e científicas do ocidente, cujo instrumental teórico revela certas limitações e fragilidades intrínsecas.

Nosso ponto de partida será a releitura sob perspectiva chinesa de uma das filosofias do ocidente que tiveram amplo alcance no mundo dito oriental, o Marxismo. Nele se reencontram motivos dialéticos do pensamento de Hegel sob a ótica materialista de Karl Marx (1818-1888) e sua ideia de contradição, cuja concepção não transcendente e dinâmica da realidade fazia eco às concepções chinesas do real em transformação e como relação entre opostos.

Vale ressaltar que esta filosofia não foi apenas assimilada de forma passiva e aplicada aos interesses políticos dos intelectuais chineses do século XX, mas recebida dentro de um processo de “sinização”, pelo qual o marxismo encontra na tradição chinesa antiga pontos de comunhão e diálogo, como nos esclarece Tian.

O tipo de “metafísica” polar correlativa na “dialética” (bianzhengfa) do marxismo chinês, como também pode ser encontrado na “polaridade” do confucionismo, pode ser rastreado até o antigo texto filosófico do Yijing (Livro das Mutações), onde o análogo funcional do significado de bianzheng é transmitido em termos de dao (caminho), yi (mudança), yin-yang e, em particular, biantong (mudança com continuidade) (Tian, 2019, p.17).<sup>13</sup>

Assim, o *Yi Jing*, o Confucionismo, a filosofia Yinyang e o Daoísmo teriam elementos suficientes para estabelecer uma aproximação e relação com a concepção dialética do marxismo, na medida em que essas concepções se fundam nas ideias de imanência do real, mudança contínua, transformação, oposições e complementaridade.

O filósofo e líder comunista chinês Mao Zedong (1893-1976)<sup>14</sup> será um dos artífices deste processo de diálogo intercultural. Mao foi um estudioso da filosofia chinesa clássica, tendo lido *Os Analectos* de Confúcio, os Cinco Clássicos (*Livro dos Ritos*, *Livro das Mudanças*, *Os Anais das Primavera e Outonos*, *Livro das Odes*, *Livro da História*), o *Grande Aprendizado* (Daxue) e o *Livro de Mêncio*. Em sua assimilação do marxismo, Mao leu os textos fundamentais de Hegel, Marx e Engels, bem como os autores marxistas russos como Lenin, Stalin, Mitin e Shirokov (Tian, 2019, p. 19).

Em sua perspectiva filosófica, Mao parte da concepção metafísica chinesa do *Xing er shang xué* (segundo a tradução de Tetsujiro Inoue em seu Dicionário de Filosofia *Tetsugaku jii*, 1881), a qual ele atribui às origens da especulação chinesa, embora sua compreensão inicial pareça influenciada pela tradição ocidental. Diz ele: “Na China, o pensamento metafísico, que se exprimia na afirmação “O céu é imutável, imutável é o Tao”<sup>15</sup>, foi defendido durante muito tempo pela classe feudal, decadente, no poder” (Mao, 2009, p. 34). Apontando aqui uma oposição entre o que ele define como Metafísicos e Dialéticos na tradição chinesa.

13 “The kind of correlative polar “metaphysics” in Chinese Marxism’s “dialectics” (bianzhengfa), as can also be found in Confucianism’s “polarity,” may be traced back to the ancient philosophical text of the Yijing (Book of Changes), wherein the functional analogue of the meaning of bianzheng is conveyed in terms of dao (way), yi (change), yin-yang, and, in particular, biantong (change with continuity).”

14 As ideias de Mao Zedong (1893-1976) estão presentes no chamado *Livro Vermelho* (coletânea de citações de Mao, 1964) e *Sobre a contradição* (*Maodun Lun*). Na atualidade, vemos a retomada das ideias da tradição chinesa antiga e a valorização dos clássicos chineses.

15 Palavras de Tung Chung-shu (179-104 a.C.), célebre representante do confucionismo na dinastia dos Han, dirigidas ao imperador Wuti: “O grande Tao vem do próprio céu, o céu é imutável, é imutável o Tao”.

Assim, ele reconhece as origens do pensamento dialético na China antiga, que também teria surgido paralelamente na antiguidade europeia, ao afirmar:

A concepção dialética do mundo, na China e na Europa, vem desde a Antiguidade. A dialética dos tempos antigos, porém, era algo de espontâneo, de primitivo; em virtude das condições sociais e históricas de então, ela não podia ainda constituir um sistema teórico completo, era incapaz de explicar o mundo em todos os seus aspectos, sendo posteriormente substituída pela metafísica (Mao, 2009, p. 37).

Assim, pode-se encontrar referências e ressonâncias da compreensão dos clássicos chineses nas ideias desenvolvidas por Mao que compreendem os princípios de transformação e contradição por meio do uso dos conceitos *tongbian* (mudança continua)<sup>16</sup>, *bienzhengfa* (dialética) e *maodun* (contradição). Essa abordagem maoista busca nas raízes do pensamento tradicional chinês, em especial no Yinyang, os elementos fundamentais para sua compreensão (Albuquerque, 2023).

Nesse sentido, vale a pena constatar em sua obra *Sobre a Contradição (Maodun lun)*, na qual ele se utiliza do termo *Mao dun (lança-escudo)*, já referido desde Hanfei Zi (280-233 a.C.)<sup>17</sup> para expor essa ideia de contradição, na qual também fica evidente a influência e reapropriação da filosofia Yinyang:

A identidade, a unidade, a coincidência, interpenetra, a impregnação recíproca, a interdependência (ou o condicionamento mútuo), a ligação recíproca ou a cooperação mútua, são termos que têm todos um mesmo significado e se referem aos dois pontos seguintes: primeiro, cada um dos dois aspectos de uma contradição, no processo de desenvolvimento de um fenômeno, pressupõe a existência do outro aspecto, que constitui o seu contrário, e ambos coexistem numa mesma unidade; segundo, cada um dos dois aspectos contrários tende, em condições determinadas, a se transformar no contrário. É o que significa identidade (Mao, 2009, 65, p. grifo nosso).

16 “Tongbian involves four significant ideas. First, everything (or event) in the world correlates with another. Second, the manifold and diverse relationships of things (or events) to any other things (or events) are a matter of interconnectedness, and can be viewed as following the same basic pattern as yin and yang, namely, the interaction and interdependence of complementary opposition. Third, it is this basic pattern of yin and yang that ceaselessly brings everything (or event) in the world into constant change or movement. Fourth, everything is in a process of change and presents itself as a focus-and-field relationship” (Tian, 2019, p.17).

17 Han Fei (韓非; 280 - 233 a.C.), também conhecido como Han Feizi, foi um filósofo chinês que, junto com Li Si, Gongsun Yang, Shen Dao e Shen Buhai, desenvolveu a doutrina do legalismo, tornando-se assim um grande nome da tradição jurídica chinesa. Na obra que leva seu nome há um interessante apólogo sobre um vendedor de lanças e escudos que se vangloriava de seus produtos, cuja moral da história revela o que significa contradição (*Mao dun*): “Na região de Chu viveu um homem que vendia lanças e escudos. - Meus escudos são tão fortes - vangloriava-se ele - que nada consegue atravessá-los! Minhas lanças são tão atadas que conseguem perfurar qualquer coisa! Alguém que vinha passando quis saber:- E o que acontece se suas lanças batem nos seus escudos? O homem não soube responder” (Hanfeizi, *Hanfeizi* cap. 36, tradução André Bueno).

Assim, em sua reflexão, Mao reterritorializa a dialética (*tongbian*) tal como entendida ocidentalmente, fazendo-o a partir das matrizes chinesas de pensamento das mudanças e da correlatividade, tais como encontradas no *Yi jing* e na filosofia Yinyang.

Na atualidade percebe-se o aumento na velocidade das transformações, o crescimento de situações em que predominam a ambiguidade e a complexidade, o que exige dos sistemas epistemológicos maior capacidade de enfrentar tais dificuldades, uma vez que a incerteza se torna uma constante, inclusive nos novos modelos epistêmicos de enfrentamento dessa mesma realidade (Morin, 2015, p. 5; Prygogine, 1996, p.14).

Em uma segunda abordagem, que diz respeito às aplicações contemporâneas da filosofia Yinyang, podemos destacar a ênfase no sistema epistemológico desta teoria e seu modo próprio de resolução de dificuldades já assinaladas, a transformação, a incerteza e o paradoxo. Esse desafio que revela a complexidade de situações em que há interdependência inerente, interpenetração, interação e transformação mútua foi enfrentado na abordagem do professor Peter Ping Li (Universidade de Copenhague)<sup>18</sup>, comparando as abordagens ocidentais da lógica formal aristotélica (ou/ou) e da dialética hegeliana (ambos/ou) com a lógica chinesa Yinyang dos opostos complementares (ou/e) e sua capacidade de resolução de situações em que predominam dualidade, ambiguidade e paradoxo.

Em seu artigo *Implicações Globais do Sistema Epistemológico autóctone do Oriente. Como aplicar o equilíbrio Yin-Yang ao gerenciamento de paradoxos (Global Implications of the Indigenous Epistemological System from the East. How to Apply Yin-Yang Balancing to Paradox Management, 2016)*, Li aponta as limitações de ambos os paradigmas do Ocidente (aristotélico e hegeliano) que seriam incapazes de aceitar e lidar com o paradoxo, apontando para a filosofia Yinyang como único paradigma capaz de transformar os dois paradigmas e encontrar resoluções diante dessa questão.

O sistema de equilíbrio Yin-Yang pode reconstruir a lógica “ambos/ou” transformando a integração e separação absoluta ou total em integração e separação relativa ou parcial, para refletir sistematicamente a interdependência, interação, interpenetração e interpenetração entre elementos opostos verdadeiros. A chave para a capacidade do equilíbrio Yin-Yang de transformar os dois sistemas ocidentais é que o primeiro adota a postura relativa em relação à separação e integração (no gerenciamento do paradoxo) em contraste com a postura absoluta adotada pelos sistemas ocidentais (Li, 2012a, 2014a; cf. Nisbett, 2003; Nisbett, Peng, Choi & Norenzanan, 2001) (Li, 2016, p. 23).<sup>19</sup>

18 Peter Ping Li, Professor membro da Copenhagen Business School (Dinamarca).

19 “The system of Yin-Yang balancing can reconstruct the “both/or” logic by turning absolute or full integration and separation into relative or partial integration and separation to systematically reflect the interdependence, interaction, interpenetration, and inter-penetration between true opposite elements. The key to the ability of Yin-Yang balancing to transform the two

Assim, após ter apresentado o problema epistemológico, situar o lugar da filosofia Yinyang diante dos sistemas epistemológicos do Ocidente, Ping Li discute como o sistema de equilíbrio Yin-Yang pode ser aplicado a paradoxos em geral e paradoxos gerenciais, em particular, como equilíbrio conservador-liberal (coalizão política), equilíbrio valor-lucro (triple bottom lines), equilíbrio exploração-exploração (ambidestria), equilíbrio globalização-localização (glocalização), equilíbrio cooperação-competição (co-opetição), equilíbrio instituição-agência (empreendedorismo institucional), atitudes simultaneamente positivas e negativas em relação a uma entidade (ambivalência) e equilíbrio ético-êmico (geocêntrico) na pesquisa transcultural em particular e em todo o campo da pesquisa de gestão em geral (Li, 2016, p. 06).

Uma terceira abordagem que podemos citar encontra-se no debate sobre a tecnologia contemporânea, tal como posta pelo filósofo Yuk Hui (Hong Kong)<sup>20</sup> em relação às diversas concepções de técnica e tecnologia, que desde Heidegger têm sido discutidas a partir de uma perspectiva ontológica e da crítica da visão metafísica na modernidade. Hui se opõe à compreensão universalista da tecnologia ocidental, porque esta tem sido considerada racional e lógica e, portanto, deveria ser universal. Nesta discussão levada a diante por Hui, podemos perceber como a filosofia Yinyang não é meramente um resquício do passado filosófico dos chineses, mas é parte central no entendimento de sua compreensão de mundo, sem a qual não podemos pensar sua tecnologia contemporaneamente.

A modernização como globalização é um processo de sincronização que faz com que diferentes tempos históricos convirjam em um único eixo de tempo global e prioriza tipos específicos de conhecimento como força produtiva principal. Esse processo de sincronização é possibilitado pela tecnologia, e é também nesse sentido que entendemos aquilo que Heidegger afirma em “O fim da filosofia e a tarefa do pensar”, de 1964, no sentido de que “o fim da filosofia revela-se como o triunfo do equipamento controlável de um mundo técnico-científico e da ordem social que lhe corresponde. Fim da filosofia quer dizer: começo da civilização mundial fundada no pensamento ocidental-europeu” (Hui, 2020, p. 17).

Partindo dessa premissa, Hui enfatiza o vínculo entre técnica e cosmos nos conceitos vindos da tradição chinesa, como na medicina, por exemplo. A filosofia Yinyang, como sabemos, está intimamente ligada à medicina chinesa, articulando as diversas formas de execução da mesma, tais como a dietética, a farmacopeia, a acupuntura, a moxabustão, a balneoterapia e as massagens, estando assim na origem de sua epistemologia médica (Beau, 1982, p. 31).

---

Western systems is that the former adopts the relative stance toward separation and integration (in managing paradox) in contrast to the absolute stance adopted by the Western systems (Li, 2012a, 2014a; cf. Nisbett, 2003; Nisbett, Peng, Choi & Norenzanan, 2001)”.

20 Yuk Hui é filósofo e professor na Universidade Erasmus Rotterdam (Holanda).

Segundo ele:

Quando observamos a medicina chinesa, vemos que possui uma base epistemológica diferente da medicina ocidental. A medicina chinesa usa vocabulários cosmológicos como *ch'i* (energia vital; literalmente, gás) e *yin e yang*, mas esses conceitos não seriam aceitos na medicina ocidental, pois não são demonstráveis. Portanto, há uma tecnodiversidade que foi marginalizada pela modernização (Hui, 2022, Entrevista à IHU Unisinos).

O filósofo desenvolveu o conceito de “*Cosmotécnica*”, que explora o vínculo entre cosmovisões locais e produção de técnicas, numa nova perspectiva denominada “Tecnodiversidade”, contra a visão monolítica da tecnologia. Em sua obra *The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotronics*, em português *A questão da técnica na China: Um ensaio sobre a cosmotécnica*, Hui (2016, p.10) já apontava para a distinção entre a concepção ocidental e a chinesa da técnica e sua maneira de lidar com a realidade e o cosmos, na primeira, a partir do mito de Prometeu como metáfora da unidade metafísica e a ruptura em relação à natureza para fins de dominação, na segunda, ao contrário, a partir do princípio de unidade com o cosmos e submissão à norma moral pelo binômio *Qi-Dao*.

Em sua concepção Cosmotécnica, Hui argumenta que todas as tecnologias estão igualmente circunscritas e habilitadas por diferentes cosmologias e contextos locais, embora as tecnologias sejam universais do ponto de vista antropológico. Isso seria, segundo ele, a “antinomia da universalidade da tecnologia”.

Desta forma, o pensar Yinyang passa a ser considerado não apenas como um dado cultural da tradição chinesa em oposição à ciência e técnica ocidentais, mas ele mesmo uma forma própria da epistemologia chinesa fundamentar sua ciência natural e tecnologias, de tal forma que estas foram capazes de responder aos diversos desafios postos pela dinâmica do real há milênios.

### **Considerações finais**

Em síntese, podemos dizer que a filosofia Yinyang ocupa um lugar central nas diversas abordagens filosóficas chinesas, que desde a Antiguidade até o mundo atual ainda exerce uma influência constante na maneira de pensar, agir e resolver problemas. Em um sentido mais amplo, devemos considerar a importância desta filosofia na medida em que é capaz de trazer intuições e modelos reflexivos que podem ampliar nossa maneira de entender o mundo em sua dinâmica e complexidade.

Assim, embora existam no Ocidente e Oriente epistemologias e modelos distintos de racionalidade, podemos encontrar uma base em que essas concepções podem dialogar de forma frutífera. Para ilustrar essa reflexão, gostaríamos de citar duas situações curiosas em que os padrões dinâmicos do Yinyang surgem de forma inusitada, corroborando assim nossa aposta no reconhecimento de sua relevância para a ciência e filosofia na atualidade.

O primeiro caso é o da relação ácido-base nas teorias de Arrhenius, Bronsted-Lowry e Lewis<sup>21</sup> (no âmbito da química moderna), e o segundo a do modelo de entrelaçamento quântico observado recentemente por pesquisadores das Universidades de Otawa e Roma (Revista *Nature Photonics*). Ao comparar os conceitos e reações ácido-base na química moderna com os conceitos Yin e Yang da filosofia chinesa, podemos identificar uma série de paralelos interessantes. Ambos envolvem as ideias de contraposição e a mútua complementaridade. Na química, por exemplo, um ácido atua doando prótons (ou recebe elétrons, a depender da teoria utilizada), enquanto uma base atua recebendo prótons (ou doando elétrons). Na química, a presença de ácidos e bases em proporções adequadas é essencial para permitir (ou impedir) reações químicas. Essa relação de doação e recebimento de prótons/elétrons cria um equilíbrio dinâmico na forma de oposição e complementaridade, como podem ser constatados a partir das teorias citadas.

No segundo caso, já no campo da Física quântica, recentemente foi criado um método que permite visualizar a função de onda de fótons emaranhados em tempo real, o chamado emaranhamento quântico<sup>22</sup>, a partir de um estudo conduzido por pesquisadores da Universidade de Ottawa (Canadá) e da Universidade Sapienza (Roma). De acordo com estudo publicado na revista científica *Nature Photonics* (Zia, 2023), os cientistas conseguiram visualizar a função de onda de fótons emaranhados em tempo real. A partir da técnica inovadora, eles sobrepuseram fótons emaranhados quânticos até criarem um fenômeno conhecido como “imagem de coincidência”; foi nesse momento que a imagem do “Yin Yang”, assim como outros formatos curiosos surgiram espontaneamente.

Como vimos, na filosofia chinesa o Yin e o Yang são concebidos como atuação de forças opostas, mas complementares, e sua interação é fundamental para compreender a dinâmica e a harmonia do Universo. Além disso, a coexistência e o equilíbrio dessas forças opostas são necessários para o funcionamento adequado dos diversos sistemas.

---

21 Nos referimos as teorias de Svante Arrhenius (1859-1927), Bronsted-Lowry (1923) e Gilbert Newton Lewis (1875-1946).

22 O estado de emaranhamento quântico explica que duas ou mais partículas emaranhadas possuem uma conexão única e estão sincronizadas em tempo real. Em uma analogia mais simples, é como se duas moedas estivessem completamente conectadas. Ou seja, assim que você movimentar uma delas para um lado, a outra repetirá a mesma ação em tempo real; independentemente da distância entre elas.

**Referências bibliográficas**

- ALBUQUERQUE. (2023). Contradição, metafísica e dialética. O maoísmo como produto do intercâmbio filosófico entre Oriente e Ocidente. In: *Revista Princípios* nº 166 jan./abr.
- ANTUNES, E. V. (2020). Joseph Needham e as contribuições da ciência chinesa para a formação do universo científico. In: *Modernos e Contemporâneos*, Unicamp/SP, v.4. n 10, jun/dez.
- BEAU, Georges. (1982). *A Medicina Chinesa*. RJ, Interciência.
- BUENO, A. (2022). *Cem textos de história chinesa*. RJ, UERJ.
- \_\_\_\_\_. (2015). Abolir o passado, reinventar a história: a escrita histórica de Hanfeizi na China do século III a.C. In: *Hist. Historiogr.*, Ouro preto, n. 18/agosto, p. 29-42.
- DESPEUX, Catherine. (1986). *Tai-Chi Chuan. Arte marcial, técnica da longa via*. SP, Círculo do livro.
- GRANET, M. (1997). *O pensamento chinês*. São Paulo, Contraponto.
- GRAHAM, A.C. (1986). *Yin and Yang and the nature of correlative thinking*. Singapore, Institute of East Asian philosophies.
- HEGEL, G.W.F. (1995). *Lecciones sobre história de la filosofía*. Tradução Wenceslao Roces, Mexico, Fondo de Cultura Economica.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Filosofia da História*. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden, Brasília, EdUnB.
- HUI, Wang. (2018). O pensamento chinês contemporâneo e a questão da modernidade. In: *Modernos e Contemporâneos*, Unicamp/SP, v.2. n 4, jul/dez.
- HUI, Yuk. (2016). *The question concerning technology in China*. An essay in Cosmotronics. UK, Urbanomic.
- \_\_\_\_\_. (2020). *Tecnodiversidade*. Tradução Humberto do Amaral, São Paulo: Ubu Editora.
- KALTENMARK, W. (1981). *Filosofia Chinesa*. Tradução Emília Piedade, Lisboa, Edições 70.
- LAO ZI. (2017). *Dao De Jing*. Tradução Chiu Yi Chih, São Paulo, Mantra.
- LAI, K.L. (2009). *Filosofia clássica chinesa*. São Paulo, Madras.
- LI, Peter Ping. (2016) Global Implications of the Indigenous Epistemological System from the East How to Apply Yin-Yang Balancing to Paradox Management. In: *Cross Cultural & Strategic Management*, Vol. 23, Issue 1. Acesso em: <Peter\_ping\_li\_global\_implications\_postprint.pdf > Acesso em 17 dezembro 2024.
- MAO, TSÉ-TUNG. (1999). *Sobre a prática e sobre a contradição*. SP, Expressão Popular.
- MORIN, E. (2006). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre, Sulina.
- NEEDHAM, J. (1954). *Science and Civilization in China*. Vol.1, Cambridge, Cambridge University Press.

- NEI CHING. (s/d). *O livro de ouro da medicina chinesa*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva.
- FLORENTINO NETO, A. (2022). *Leibniz e a China: 300 anos do Discurso sobre a teologia natural dos chineses*. São Paulo, Editora Phi.
- \_\_\_\_\_. (2012). Leibniz e a teologia natural dos chineses. In: *Natureza Humana*, v. 14, n. 1, p. 101-115.
- \_\_\_\_\_. (org.). (2016). *Escritos de Leibniz sobre a China (Introdução)*. São Paulo, Editora Phi.
- PANNIKAR. (1977). *A Dominação ocidental no Oriente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- PRIGOGINE, I. (1996). *O fim das certezas: Tempo, caos e as leis da natureza*. SP, EdUnesp,
- ROBINET, I. (2011). *The World Upside Down. Essays on Taoist Internal Alchemy*. Golden Elixir Press, Canadá.
- SAID, E. (2007). *Orientalismo*. SP, Companhia das Letras.
- WILHELM, R. (1999). *I Ching*. São Paulo, Cultrix.
- WANG, R. (2012). *The way of Heaven and Earth in Chinese Thought and Culture*. Cambridge.
- \_\_\_\_\_. (2024). *Yinyang - O caminho da terra e do céu no pensamento e na cultura chinesa*. Campinas, Editora Phi.
- TIAN, C. (2019). Mao Zedong, Sinicization of Marxism, and Traditional Chinese Thought Culture. In: *Asian Studies: from Hegel to Mao and beyond: the long march of sinicizing marxism*. Volume VII XIII), Issue 1, Ljubljana.
- VELLOSO, R. (2022). Niels Bohr e as lições filosóficas da Teoria Quântica. In: *PERSPECTIVAS | VOL. 7, Nº 2*, p. 188-217.
- YANG, C.-D. (2024) Discovering Bohr's Yin-Yang Diagram in Quantum Tunneling Dynamics. In: *Physics 2024*, 6, 964–989. Disponível em <<https://doi.org/10.3390/physics6030059>> Acesso em 17 dezembro 2024.
- ZIA, D., Dehghan, N., D'Errico, A. *et al.* (2023) Interferometric imaging of amplitude and phase of spatial biphoton states. In: *Nature Photonics*. 17, 1009–1016 (2023). Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41566-023-01272-3>>. Acesso em 17 dezembro 2024.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.